CENTRO EDUCACIONAL DE ENSINO SUPERIOR DE PATOS

FACULDADES INTEGRADAS DE PATOS

CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA

Hugo Travassos Duarte Lima

“Um dia vivi a ilusão de que ser homem bastaria”: Um estudo psicanalítico sobre as masculinidades na contemporaneidade

CAMPINA GRANDE – PB

2023

Hugo Travassos Duarte Lima

“Um dia vivi a ilusão de que ser homem bastaria”: Um estudo psicanalítico sobre as masculinidades na contemporaneidade

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Psicologia pelas Faculdades Integrada de Patos – FIP - CG.

Orientador (a): Dra. Myrna Agra Maracajá

CAMPINA GRANDE – PB

2023

Hugo Travassos Duarte Lima

“Um dia vivi a ilusão de que ser homem bastaria”: Um estudo psicanalítico sobre as masculinidades na contemporaneidade

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Psicologia pelas Faculdades Integrada de Patos – FIP - CG.

Orientador(a): Dra. Myrna Agra Maracajá

Conceito:_____Data: _____

_____

Prof. Dra. Myrna Agra Maracajá *(Orientador(a))*

_____

Prof. Dr. Edgley Duarte de Lima *(Examinador interno)*

_____

Prof. Dra. Juliana Fonsêca de Almeida Gama *(Examinador interno)*

CAMPINA GRANDE – PB

2023

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho primeiramente a mim, que me dediquei e mesmo nos dias mais difíceis não me deixei distanciar do meu sonho. Em segundo a minha mãe e minhas irmãs, que me ajudaram, cada uma à sua maneira, a chegar até onde cheguei.

AGRADECIMENTOS

Queria começar agradecendo a minha mãe, Valéria, por ter feito de tudo e mais um pouco para me criar, me educar, sem a sra. eu não poderia estar onde estou. Agradeço também às minhas irmãs, Gabriela e Mariana, pois junto com mãe me ensinaram a crescer com uma visão diferente sobre o que é ser homem. Vocês foram meu espelho, com quem aprendi que homem pode sentir, pode chorar, pode sofrer, pode ser o que quiser ser.

A Gabriela e Maelson, agradeço por me darem um lar em um dos momentos difíceis de minha vida, e por me suportarem até hoje.

Bruno Anderson, o irmão que não tive, eu agradeço por cada momento que passamos juntos, por cada incentivo que me deu, pelas palavras de motivação quando pensava que a caminhada estava difícil, você foi uma pessoa que fez essa caminhada ser mais leve, e que eu pudesse chegar até aqui.

Wemilly Elias, Srta. Elias, por ter me ajudado a carregar meus fardos por diversas vezes.

Beatriz Figueiredo e Fernanda Salustino, obrigado por fazer as noites serem mais leves e divertidas, não seria a mesma coisa sem vocês.

A Dra. Myrna Maracajá, agradeço por todo o apoio nesse trabalho, por cada orientação, conselho e também por ser a referência que é para o futuro que eu quero para mim.

Agradeço a meu anjo, Maria Vitória, por de fato ter sido um anjo em minha vida e principalmente no curso, não sei o que seria de mim sem você. Obrigado por cada noite que dividimos, por cada risada, conselho, conversa. Não imagino estar onde estou sem a sua companhia.

Thomas Monteiro, o irmão que a faculdade me deu, meu companheiro de psicanálise, obrigado por cada conversa, cada risada, cada momento.

Por fim eu agradeço a mim mesmo por ter lutado e enfrentado o que enfrentei para chegar até aqui. Assim como Snoop Dogg: “Quero agradecer a mim por simplesmente ser eu a todo momento".

EPÍGRAFE

> “Um dia vivi a ilusão de que ser homem bastaria Que o mundo masculino tudo me daria Do que eu quisesse ter” - Gilberto Gil

“O mundo é seu, desde que você não abrace outro homem, não o beije, jamais ande de mãos dadas ou demonstre sensibilidade, desde que você não chore, não desabafe . . . mas acredite, você é livre e o mundo é seu. Esse belíssimo mundo de Marlboro, onde, ao vencedor, resta um câncer” - Emicida

RESUMO

A masculinidade, por muito tempo, foi associada à virilidade, no qual possuir aspectos viris era o que permitia ser reconhecido como homem perante a sociedade. Com o advento da modernidade, avanço no maquinário das indústrias, eclosão da primeira grande guerra mundial e principalmente o empoderamento do movimento feminista, observou-se a queda desse ideal viril que por séculos dominou aos homens e a sociedade. Buscando refletir acerca desse declínio do ideal viril e suas consequências para a sociedade de hoje, o presente trabalho teve como objetivo geral pensar as construções das masculinidades na contemporaneidade a partir das produções atuais no âmbito da Psicanálise, analisando como se deu a construção sócio histórica das masculinidades, ponderando acerca do que é ser homem na sociedade atual e problematizando o declínio dos ideais de masculinidade, além de analisar as formas que esse mal estar do homem atual assumem. Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica acerca da temática, tomando como referencial teórico pesquisas bibliográficas dos trabalhos de autores da Psicanálise e pesquisadores da temática. Concluímos que esse declínio não é sem consequências para os homens, que sentem o mal estar na tentativa de localizar-se novamente na sociedade, seja buscando novas formas de serem homens ou tentando retornar a lógica fálica.

Palavras-chave: Masculinidade. Homem. Declínio do viril. Psicanálise. Lógica Fálica.

ABSTRACT

Masculinity for a long time was associated with virility, in which possessing virile aspects was what allowed one to be recognized as a man in society. With the advent of modernity, advances in industrial machinery, the outbreak of the First World War, and especially the empowerment of the feminist movement, this virile ideal that for centuries dominated men and society fell. Seeking to reflect on this decline of the virile ideal and its consequences for today's society, the present study had as a general objective to think about the constructions of masculinities in contemporary society from the current academic productions in the field of Psychoanalysis, analyzing how it happened the socio-historical construction of masculinities, pondering about what it is to be a man in today's society and questioning the decline of the ideals of masculinity, investigating which forms this malaise of the current man assumes. To do so, we carried out a bibliographic review about the theme, taking as a theoretical reference the bibliographic researches of Psychoanalysis authors and researchers on the theme. We conclude that this decline is not without consequences for men, who feel unwell in their attempt to locate themselves again in society, either seeking new ways of being men or trying to return to phallic logic.

Keywords: Masculinity. Man. Decline of the virile. Psychoanalysis. Phallic Logic.

SUMÁRIO

1 Introdução 11

2 Método 12

3 Fundamentaçao Teórica.....14

3.1 A invenção da masculinidade.....14

3.1.1 Construção sócio-histórica da virilidade: da Grécia à contemporaneidade.....14

3.2 A figura do Homem no Brasil.....17

3.2.1 O surgimento do "cabra-macho".....19

3.3 Os mitos acerca da masculinidade.....20

3.4 O declínio do viril 3.3.....21

4 Resultados e Discussão.....23

5 Cosiderações finais.....31

Referências.....34

1 Introdução

Desde o início do século XX, as concepções acerca do que é ser homem vêm se modificando, a noção do papel social não mais corresponde às representações sustentadas dos séculos anteriores. Várias foram as mudanças como, por exemplo, a revolução sexual, que foi um movimento que teve seu apogeu nos anos 60, desafiando a moral tradicional e rompendo com a ideia das relações somente monogâmicas e heterossexuais. Podemos citar também o movimento *hippie*, que surge por volta de 1960, com jovens que estavam dispostos a quebrar o ciclo da família tradicional e conservadora da época, assim como o pensamento feminista que contribuiu muito para transformação da hegemonia masculina. Apesar disso, a concepção de homem construída por nossa sociedade, e aqui fala-se da brasileira, é alicerçada em uma ideia patriarcal, que tenta ditar com rigidez as formas de ser dos sujeitos. Porém, nem todos os homens conseguem encaixar-se mais nesse ideal, gerando, assim, um mal estar nesses indivíduos por não poderem sustentar os referenciais de masculinidade, demandando a invenção de novas formas de ser homem.

Essas modificações causaram, e ainda causam, um abalo na subjetividade do homem. Nesse sentido, podemos nos servir do conceito de "desbussolamento", trazido pelo psicanalista Jorge Forbes. De acordo com Forbes (2004) "O homem ficou desbussolado, sem o norte da mão do pai que, por ter o saber, lhe assegurava o caminho a seguir". Como sintoma desse desbussolamento, podemos citar a violência como uma tentativa de retomar os princípios antigos. Outros exemplos que podemos citar são a disfunção erétil, depressão, suicídio, feminicídio. Diante desse contexto, esse trabalho poderá trazer uma grande contribuição no pensar o sujeito masculino, com repercussões no campo da saúde mental, assim como na criação de políticas públicas, além de fomentar um espaço para o diálogo no meio acadêmico.

Dentre todas as mudanças que a sociedade vem enfrentando, é no campo comportamental que sentimos o impacto delas, suscitando debates urgentes que parecem estar em segundo plano, sendo negligenciados. Ao realizarmos uma busca rápida nos periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, associando os termos “Saúde Mental” com os de termo “homem” e “Mulher” foi possível encontrar 389 periódicos acerca dos homens e 1065 periódicos acerca das mulheres produzidos na última década. Diante disso, podemos constatar que ainda há uma produção acadêmica insuficiente sobre pesquisas que abordem a saúde mental do homem. Apostamos assim, que este trabalho pode oferecer alguma contribuição ao debate.

2 Método

O presente trabalho teve por objetivo geral refletir as construções das masculinidades na contemporaneidade a partir das produções atuais no âmbito da Psicanálise. Tendo como objetivos específicos: analisar como se dá a construção sócio histórica das masculinidades, pensar acerca do que é ser homem na sociedade atual; problematizar o declínio dos ideais de masculinidade, e Investigar quais formas esse mal estar do homem atual assume.

Tomamos como hipótese, que com o declínio da função paterna e do viril, há também uma queda dos ideais. O ideal do que é ser homem é abalado, demandando uma nova reconfiguração da masculinidade, havendo a produção de modos singulares de ser homem. Da universalização à singularidade.

Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica acerca da temática, tomando como referencial teórico pesquisas bibliográficas dos trabalhos de autores tais como Freud (1923), Lacan (1972-1973/1985), Lima (2021) e Ambra (2017) além de artigos produzidos no campo da Psicanálise e que abordam a temática estudada.

De acordo com Boccato (2006), a pesquisa bibliográfica é uma forma de procurar uma resolução para uma problemática partindo da análise das contribuições científicas de referenciais teóricos já publicados e sob qual olhar foi tratado o tema. E, em conformidade com Lakatos e Marconi (2003), a pesquisa bibliográfica não pode ser uma repetição daquilo que já foi escrito, mas deve enxergar, a partir de uma nova concepção, a temática abordada, para que se possa chegar a novas conclusões e contribuições.

Foram utilizados bases de dados tais como Brasil Scientific Electronic Library Online-Scielo, Periódicos Eletrônicos em Psicologia - Pepsic e Periódicos Capes, buscando artigos produzidos no decorrer da última década para conceitualizar e problematizar a temática abordada.

No primeiro momento, recorremos ao livro "História da virilidade-vol. 1", organizados por Corbin, Courtine e Vigarello (2013), e o livro "Torna-se homem" de Bonfim (2020), para conceitualizar a masculinidade no decorrer da história compreendendo o que se entendia por homem nas décadas passadas e o que podemos entender hoje. Utilizamos também, o Seminário XX, de Lacan (1972-1973/1985), para conceitualizar a partilha sexual através da tábua da sexuação, e recorremos ao livro de JJ Bola (2020), "Seja Homem", e aos autores Ambra (2017), V. Lima (2018) e E. Lima (2021), para problematizar o declínio do viril ao declínio da lógica do não-todo.

Após perfazer esse caminho exploratório, objetivou-se, primeiramente, contribuir para o acervo de produções acerca da temática abordada, e explicitar a importância da produção de trabalhos na área, que possam suscitar debates no meio acadêmico ultrapassando as barreiras para alcançar o social.

3 Fundamentação Teórica

3.1 A invenção da masculinidade

Para discutirmos acerca da masculinidade, consideramos importante recorrer ao termo virilidade e como a masculinidade se atrelou a esse conceito no decorrer do tempo. Para tanto, vamos recorrer a obra de Vigarello (2013), intitulada "História da virilidade vol 1: A invenção da virilidade, da antiguidade às luzes".

3.1.1 Construção sócio-histórica da virilidade: da Grécia à contemporaneidade

Conforme Corbin, Courtine e Vigarello (2013), às pesquisas acerca da concepção do macho viril indicam que ela remete-se a antiga Grécia onde havia um atributo unicamente masculino. A construção do homem, nessa época, se dava de forma educativa e muito diferente daquela disponibilizada às mulheres, sendo a eles ofertada a eloquência, a política e o direito a socializar.

Para Bonfim (2022), o retrato ideal do homem grego e do romano é identificado a partir de dois termos, *"andreía",* para os gregos, e *"virilitas",* para os romanos. O primeiro, pode ser entendido como "coragem", e o segundo, usado para classificar o homem em sua qualidade de "macho", derivado do termo *vir* [macho, oposto do comportamento feminino].

Bonfim (2022) ainda destaca que *vir* não significa a mesma coisa que *homo* [homem]. *Vir* deve ser entendida como uma condição masculina a ser conquistada e não herdada pelo fato de nascer homem. Virilidade, de acordo com a autora, é uma construção ideológica.

O fato de nascer homem na Grécia, de acordo com Sartre (2013), era visto como um presente dado pelos deuses, porém, tornar-se um homem viril era árduo, os púberes tinham que atravessar um rito de iniciação, que em conformidade com o autor, era composto por três fases, que consistiam em marginalização, inversão e reintegração. A marginalização servia para distanciar os jovens do feminino e seus perigos, já a inversão conduzia o jovem grego a agir de maneira inversa ao que se esperava de um homem adulto, submetendo-se à dominação

sexual de outro homem mais velho. E a reintegração era o ato de integrar novamente o jovem à sociedade.

Já na Roma Antiga, segundo Thuillier (2013), a virilidade é conceituada de forma semelhante a Grécia, nas duas a triade: religião, familia e comunidade são os pilares da sociedade e o jovem também precisa passar por ritos de iniciação, porém é ai que ambas diferem, pois os rituais romanos davam um certo protagonismo à mulher, demandando que o jovem romano tivesse tido relações sexuais com uma mulher, não somente com homens, para passar de garoto para homem.

Para falarmos de masculinidade na Idade Média é necessário levarmos em conta duas figuras de destaque da época, o cavaleiro e o clero. A primeira figura, segundo Dumézil (2013), tem origem nas famílias nobres e exigia além de coragem, a posse de terras. Ainda de acordo com o autor a segunda também vinha de famílias ricas e era dotada de virtudes. Porém com o passar dos tempos foi perdendo a robustez e adquirindo uma imagem requintada. Para Bonfim (2022) foi assim que o homem da Igreja foi deixando de ser enxergado como homem, pois não expressava mais uma atitude viril.

De acordo com Vigarello (2013), com o advento da Idade Moderna, surge a delicadeza como uma virtude também masculina. O homem deve ser sábio, ponderado e prudente, com gostos requintados e finesse, sendo representado principalmente pelos reis que esbanjam riquezas, perfumes e adornos, trazendo novos modelos de virilidade. De acordo com o autor, o homem viril perde a ignorância e a brutalidade, e dá lugar ao homem civilizado.

Essa concepção de virilidade cabe somente aos nobres, pois nas classes populares a virilidade era expressada a partir da contabilização de mulheres com quem dormiram, e da vangloriação dessas conquistas. As mulheres não passavam de meros objetos sexuais. Os homens buscavam afastar os sentimentos e o compromisso, e consequentemente, a falta de responsabilidade com os atos cometidos para com elas. (Farger, 2013).

Nesse contexto, Bourdieu (2012) nos diz que a relação sexual se mostra como uma relação de dominação social, pois está fundamentada na divisão entre homem e mulher, ativo e passivo, e é nessa divisão que se expressam os desejos masculinos, de dominação, posse e os desejos femininos de subordinação erotizada. Para este autor a virilidade e a violência são indissociáveis do homem para com a sociedade e a mulher. O homem necessita dominar a mulher para si e para a sociedade, pois do contrário ele seria o dominado e não alcançaria o status de viril.

Em conformidade com Menin (2017), outro fator na história da invenção da virilidade é o pênis como uma simbologia do viril, onde desde a Renascença as representações artísticas eram um componente psicológico na construção do viril. Também podemos observar, em pinturas reais da monarquia absolutista, a virilidade sendo evidenciada na braguilha avantajada, partindo da ideia de que quanto maior, mais viril. Seria pois o pênis, simbolizando o poder e a dominação.

Na Idade Contemporânea, situada do século XVIII aos dias atuais, a virilidade perpassa um longo caminho, no qual é possível enxergar o ápice das ideias sociais acerca da virilidade até o século XIX e o declínio do ideal viril nos séculos XX e XXI. Para Corbin (2013), o início desse período é regido por um código de conduta acerca de como ser um homem viril, sendo difundido desde cedo, aos meninos, que devem aprender a conter as lágrimas e aguentar violências. Esse código possui diferentes campos como vestimentas, tipos de brinquedos, esporte e militarismo.

A cultura da guerra também se tornou um alicerce para a virilidade chegar ao patamar de virtude no século XIX, o exército passou a representar uma figura de heroísmo. Para Bertaud (2013), junto com a guerra e o militarismo, surge um novo tipo de virilidade que podemos denominar de virilidade militar, que traz consigo qualidades viris como certo tamanho físico, corpo musculoso e proporcional. Para Taraud (2013), essa virilidade militar

foi marcante entre os séculos XVIII e XIX. Para Baubérot (2003) o serviço militar se torna por um bom tempo o último degrau a ser alcançado no desenvolvimento viril, pois no quartel os jovens adquiriam força física, disciplina, coragem, e o status de homem propriamente dito.

3.2 A figura do Homem no Brasil

O Brasil é um território vasto, tendo assim uma miscelânea cultural oriunda das diferentes regiões. De acordo com Bonfim (2022) o brasileiro não é europeu, nem africano, nem idigena e muito menos pode ser descrito como a junção desses povos. O brasileiro, que reinterpretou as influências de todos esses povos, constituiu-se como um povo único.

A história da virilidade no Brasil perpassa três momentos históricos: os períodos colonial, imperial e o período republicano. No Brasil colônia, a tradição rural vigorava em função da escravidão e da exploração das terras, e a virilidade europeia começava a ganhar contorno no território brasileiro. De acordo com Bonfim (2022),é uma virilidade que se dá a partir de encontros, e o primeiro desses encontros sendo o dos estrangeiros com os povos nativos. Para Melgaço da Silva Jr. e Caetano (2018), o colonialismo produziu consequências políticas, sociais, culturais e, principalmente psíquicas, sobre os negros e os índios, e consequências que perseveram até os dias de hoje. O colonizador criou um modelo de masculinidade hegemônica que se estrutura em oposição às masculinidades dos homens colonizados.

A virilidade do senhor de engenho é outra representação de virilidade no Brasil Colônia-Império e, segundo Schnoor (2013), essa virilidade é marcada por dois fatores: a iniciação precoce na vida sexual e a não evitação de conflitos. A iniciação prematura da vida sexual era uma assimilação cultural da tradição ibérica em decorrência da colonização. Havia também o hábito dos homens de utilizar palavras obscenas, assuntos considerados imorais, que podemos observar atualmente ainda muito presentes em nossa sociedade.

Todavia, de acordo com Schonoor (2013), a virilidade do senhor do engenho passou a

depender não somente da iniciação sexual precoce, mas ela precisava ser exercida e expressa no âmbito público. O homem precisava ser reconhecido como viril. Para Bonfim (2022 p. 83) “Esse “ser homem” sempre inclui o reconhecimento de outro homem.” e necessitava também ser respeitado pelos outros, respeito esse, alcançado, principalmente, através da violência. Andar armado virou um estereótipo viril, quase como uma representação do falo.

No Brasil república ocorreram diversas mudanças na sociedade, principalmente na hierarquia social e na autoridade dos homens da elite do norte e nordeste do país, o processo de industrialização e urbanização também afetaram os valores e os modos sociais patriarcais, ganhando influência diferentes grupos como as mulheres, a classe média, os comerciantes. O movimento feminista já eclodia na Europa, e as discussões chegaram ao Brasil. causando impacto visivel no comportamento das mulheres. (Albuquerque Júnior, 2013).

A partir da segunda metade do século XIX, as transformações sociais foram oriundas, principalmente, da saída das áreas rurais para a cidade. Segundo Denise Sant’Anna (2013), o homem urbanizado, burguês e culto passou a caracterizar um novo modelo de masculinidade. Para Albuquerque (2013), a figura do homem letrado, formado, geralmente advogado ou médico, preocupado com a aparência, surge no lugar da figura do coronel, violento, modelo viril de homem.

A vida na cidade e os avanços tecnológicos bem como novos meios de comunicação contribuem para construir a masculinidade no Brasil do início do século XX. De acordo com Melo (2013), além da prática de esportes, surgem entretenimentos, como automobilismo e aviação, para compor a figura de homem dessa época. Essas atividades simbolizavam sucesso financeiro e coragem. Segundo o autor, brotava um novo modelo de homem ligado não apenas à influências sociais, mas à esfera econômica e política. A família também compunha a base desse novo modelo de virilidade.

3.2.1 O surgimento do “cabra-macho”

No início do século XX, diante do surgimento de novas formas de masculinidades, surge a imagem regional do nordestino que, segundo Albuquerque (2013), não existia até os primeiros anos deste século. A ela foram incorporadas outras designações, como nortista, sertanejo, paraíba, cangaceiro. Para Albuquerque (2013) essa identidade nordestina surge no discurso da elite, por volta da década de 20 e nas classes populares apenas no final da década de 30, nascendo de práticas regionalistas acentuadas pelo declínio econômico e político da região norte e nordeste, em relação ao sul e sudeste, onde se encontravam as produções cafeeiras.

Ainda segundo Albuquerque (2013), o tipo nordestino é pensando no masculino, não há espaço para a feminilidade. As mulheres são “mulher-macho”, corajosas, guerreiras. Esse tipo nordestino foi criado sob o modelo patriarcal e conservador, que não se entrega às banalidades da vida moderna, em contrapartida do que vinha ocorrendo na sociedade brasileira. Para Bonfim (2022) o nordestino, o cabra-macho vem na tentativa de “salvar” a imagem do homem viril que declinava diante da urbanização. Esse cabra-macho era valente, agressivo e competitivo. Essa imagem de nordestino viril, para Albuquerque (2013), é buscada principalmente nos homens das classes populares do campo e do sertão, em torno de um modelo típico de masculinidade que se distancia dos homens da elite, efeminados pela vida urbana, civilizada, que seja resistência diante do declínio do viril.

Em conformidade com Albuquerque (2013), vemos que a imagem do homem nordestino é composta por uma fusão de imagens e enunciados que integram as várias regiões em que está dividido o Nordeste. Essas regiões possuem suas particularidades em relação ao povo que habita, aos costumes, o que forma representações de masculinidades distintas. Como exemplo temos: o sertanejo, resultante da misigenação do branco com o índio, que se ocupa da pecuária; o brejeiro, produzido a partir da mescla dos brancos e negros,

dedicando-se principalmente à produção de cana-de-açucar; e o praieiro, que surge do cruzamento de várias raças, dedicando-se à pesca.

3.3 Os mitos acerca da masculinidade

Todas essas formas de virilidade construídas desde a Grécia até os dias atuais, trazem consigo muitos mitos acerca do que de fato é ser homem, ou o que se espera de um homem. J.J. Bola (2019), em seu livro “Seja homem: a masculinidade desmascarada” traz alguns mitos concebidos com o decorrer do tempo, que têm a função de estereotipar a masculinidade e criar um padrão de ser homem e excluir aqueles que não aderem a essa masculinidade padrão, heteronormativa, de homem viril e másculo.

O principal é o mito do “homem de verdade", que busca enquadrar em estereótipos como deve agir um homem de verdade, e exercer pressão sobre os homens que buscam incansavelmente encaixar-se nesse recorte da masculinidade. Outro mito muito visto ainda hoje na sociedade é o do “homem não chora", ou em outra expressão “seja homem”, que servem para silenciar emocionalmente os homens, que desde cedo repreende internamente as emoções, não se permitindo vivenciar os sentimentos. Dentro deste mito do homem que não sente e não chora, há o mito de que os homens são lógicos, enquanto as mulheres são emocionais, mais uma herança do binarismo de gênero, de que o homem é sinônimo da razão, enquanto a mulher, é da emoção, numa tentativa de remover a vulnerabilidade emocional masculina (Bola, 2019).

Por fim, Bola (2019) traz um mito ainda escutado nos dias de hoje, e que remete também à herança, à construção da virilidade no Ocidente, que é o mito de que o homem possui mais libido, ou pensa mais em sexo. O sexo sempre foi enxergado como sinônimo de poder, de dominação sobre outra pessoa e, por isso, o mito de que os homens pensam mais em sexo, ou têm mais libido. A mulher não pode ocupar essa posição de dominação, ou de buscar prazer, visto que o prazer sexual sempre foi para o homem, nunca para a mulher.

3.4 O declínio do viril

A virilidade triunfava até a metade do século XX, porém, emergiu no Ocidente uma ruptura nessa estrutura da virilidade. Antes a dominação masculina estava vinculada à potência viril, força física, capacidade de reprimir sentimentos, etc. Porém, três grandes marcos na contemporaneidade abalaram o ideal viril, primeiramente as duas grandes guerras mundiais, o processo de industrialização e, especialmente, o movimento feminista (Courtine, 2013).

Para Bertaud (2013), a virilidade militar era difundida principalmente pela cultura da violência, o que acabava por gerar adoecimentos aos sujeitos. Nesse sentido as grandes guerras vieram para revelar não somente a hediondez humana de parte da humanidade, mas também a vulnerabilidade masculina, e o sofrimento do homem, que negava-se a ter sentimentos, contrariando a virilidade militar. O homem depara-se com a brutalidade da guerra e não há como evitar os sentimentos diante da selvageria desse acontecimento. O médico Colombier (1757) denomina esse tipo de sofrimento de melancolia e mais tarde o psiquiatra Pinel (1798), vem chamar de nostalgia, o que Bonfim (2022) indaga sobre de que seria essa nostalgia, dos companheiros de guerra mortos em combate ou do ideal de viril que vinha rachando cada vez mais.

A industrialização foi outro fator que causou indagações e rupturas acerca do ideal viril. O homem vai sendo substituído pelas máquinas, a sua força física já não é tanto necessária. Havia uma maior valorização das atividades que não requeriam o uso da força física para ser desenvolvida e as mulheres podiam exercê-las, assim como os homens. (Pigenet, 2013). O desemprego atrelado à industrialização causa o afastamento dos jovens ricos do mercado de trabalho e trazem uma prolongação da adolescência. Em contrapartida, os jovens menos abastados ingressam mais cedo no mercado de trabalho, na busca de alcançar o ideal viril de homem provedor da família, porém a dificuldade em ter recursos para ascender

a esse status, acaba por contribuir para a dissolução desse ideal, dada a sua impossibilidade (Baubérot, 2013).

No século XXI, de acordo com Lima (2021), com o avanço dos movimentos LGBTQIAP+ se vê uma alteração nos lugares dos homens e das mulheres na sociedade, ocasionando mudanças na realidade social e, consequentemente, na subjetividade dos sujeitos. Para o autor, não é apenas o binarismo de gênero que está em decadência, mas o masculino em si. Segundo Silva (2006, citado por Lima, 2021) há dois pontos em ascensão nesse momento de declínio do viril: o primeiro, seria a criação de grupos de recuperação das masculinidades, no intuito de resgatar a masculinidade hegemônica através de modelos de virilidade. O segundo, é a feminização do masculino, que afeta os modos de produzir subjetividades dos homens, e destaca a pluralização das formas de ser homem e significar as masculinidades.

Ainda em conformidade com Lima (2021) as noções de homem e mulher estão abaladas, e há duas grandes consequências desse abalo, de um lado o desbussolamento, usando o termo de Forbes (2004), das posições antes atribuídas ao masculino e ao feminino e do outro lado, a abertura a novas formas de sexuação. Os debates de gênero e Queer causam um impacto fundamental no processo de reorganização dos lugares do homem e da mulher na sociedade.

Para Bonfim (2020) modelos fundamentados na força física, potência sexual, demonstração de poder, são ideais viris que por muito tempo serviram para dois propósitos, guiar os homens na expressão da masculinidade e exigir daqueles que fogem a regra. Porém, ainda de acordo com a autora, sustentar esses ideais de virilidade, pode acarretar problemas nos homens, pois ao mesmo tempo em que os ideais se apresentam como exigências, denunciam a impossibilidade, para alguns, de alcançar esse status.

Ainda segundo Bonfim (2020), a problemática de sustentar esse ideal viril reflete não

apenas no exercício da sexualidade, mas torna-se questão de vida ou morte, afinal, de acordo com Lyra (2019) citado por Bonfim (2020), os homens são os que mais se envolvem em violências no geral, os que mais matam e morrem em decorrência dessas violências, que são reflexos desse referencial viril ao qual os homens buscam alcançar. Atrelado a essa busca pelo ideal viril, está a baixa procura por serviços de saúde por parte dos homens, que por dificuldade de se colocarem em posição de fragilidade, evitam procurar ajuda médica, como ressalta Nascimento (2018) citado por Bonfim (2020).

Outro ponto importante no declínio do viril, foram os movimentos feministas e a ascensão das mulheres na sociedade, principalmente no mercado de trabalho. De acordo com Bonfim (2020), a diferença econômica entre homens e mulheres é uma das fontes para estabelecer a relação de poder, dominante e dominado, pois nos laços familiares aquele que detém o maior provento sente-se com um poder maior. À medida que a diferença salarial diminui, ocorre uma desestabilização no lugar de poder que antes era destinado aos homens, por serem os provedores.

Após realizarmos esse breve percurso histórico sobre a construção da virilidade, passaremos a apresentar os resultados encontrados em nossa pesquisa, bem como o que, a partir deles, pudemos extrair para a nossa discussão sobre o declínio do viril e a emergência de novas formas de masculinidade.

4. Resultados e Discussões

4.1 A masculinidade (ou as masculinidades?) na Psicanálise

Para discutirmos a masculinidade à luz da Psicanálise, faz-se necessário iniciarmos discorrendo acerca do Complexo de Édipo, um conceito fundamental na teoria psicanalítica proposto por Sigmund Freud, que descreve o processo de desenvolvimento psicossexual humano. Em sua obra "Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade", Freud (1905/2016)

descreve o Complexo de Édipo como a fase fálica do desenvolvimento, na qual a criança experimenta atração pelo progenitor do sexo oposto e rivalidade com o progenitor do mesmo sexo. Para meninos, o Complexo de Édipo envolve a atração pela mãe e a rivalidade com o pai, e para superar esse conflito, o menino deve internalizar a imagem do pai como um modelo para sua própria identidade masculina.

> Simplificadamente, o caso se configura da forma seguinte para o menino. Bastante cedo ele desenvolve um investimento objetal na mãe, que tem seu ponto de partida no seio materno e constitui o protótipo de uma escolha objetal por "apoio"; do pai o menino se apodera por identificação. As duas relações coexistem por algum tempo, até que, com a intensificação dos desejos sexuais pela mãe e a percepção de que o pai é um obstáculo a esses desejos, tem origem o complexo de Édipo. (Freud. 1923/2019, p.39)

Já para as meninas, o complexo de Édipo se dá de forma diferente, há uma dissimetria. Para a menina, há investimento objetal no pai e uma rivalidade com a mãe. Segundo Freud (1924/2019) "A menina não entende sua falta de pênis como uma característica sexual, explica-a pela hipótese de que já possuiu um membro do mesmo tamanho e depois o perdeu com a castração" (p. 212).

Freud (1923/2019) afirma que a resolução bem-sucedida do complexo de Édipo é essencial para o desenvolvimento da identidade da criança:

> Com o desmoronamento do Complexo de Édipo, o investimento objetal na mãe tem que ser abandonado. Em seu lugar pode surgir uma identificação com a mãe ou um fortalecimento da identificação com o pai. Graças a dissolução do complexo de Édipo, a masculinidade no caráter do menino experimentaria uma consolidação" (Freud, 1923/ 2019 p. 40)

Em concordância com isso, Freud (1924/2019) e Lima (2021) discorrem que o Complexo de Édipo permite duas possibilidades de satisfação, sendo uma ativa e outra passiva. A forma ativa ocorre quando a criança assume, masculinamente, o lugar do Pai e se relaciona com a mãe, enquanto a forma passiva ocorre quando a criança assume o papel da mãe para ser amada pelo pai. Após a castração feminina ser reconhecida como uma realidade presente no corpo da mulher, o medo de perder o pênis se torna uma punição para o menino, enquanto para a menina, é uma pré-condição para entrar no complexo de Édipo.

Segundo Poli (2007), a determinação visual da presença ou ausência do pênis, seria o ponto de referência para a adoção de uma posição subjetiva em diferentes aspectos da vida. O complexo de castração, segundo Freud (1923/2019), refere-se à percepção das diferenças sexuais, que pode desencadear uma sensação de ansiedade conhecida como "angústia de castração". Esse medo se manifesta nos meninos pelo receio de perder o órgão genital e nas meninas pela constatação da sua falta.

Dessa forma, compreendemos que, em Freud (1923/2019), a posição sexuada ordena-se a partir do processo de identificação, que ocorre no interior do Complexo de Édipo.

Posteriormente, Lacan (1972-1973/1985), no Seminário 20, Mais ainda, introduz a tábua da sexuação, para demonstrar como se dá o processo de assunção da sexualidade. De acordo com Marcos (2014), Lacan utiliza proposições universais e particulares para escrever o conceito de sexuação, colocando a posição sexuada, não como uma questão biológica, mas sim em uma dimensão simbólica, que se constrói a partir da linguagem e das relações sociais. Segundo Marcos (2014, p. 5): “Ele faz da função fálica aquilo que permitirá diferenciar homem e mulher, ou melhor, aquilo que permitirá construir esta diferença e, deste modo, distanciar-se de tomá-la como um dado natural”.

Em concordância, Maracajá (2018) vem dizer que numa reinterpretação da bissexualidade trazida por Freud, Lacan (1985) traz as "fórmulas quânticas da sexuação” para

explicitar as noções de masculino e feminino. De acordo com a autora: “o que essas fórmulas apontam é que todos os sujeitos estão submetidos à castração, ou seja, não há sujeito para quem a função fálica não funcione” (Maracajá, 2018, p. 118).

Para ilustrar a sexuação, Lacan (1985) apresenta quatro fórmulas proposicionais, sendo duas à esquerda e duas à direita. Para ele, os seres são distribuídos de duas formas, aqueles que estão todos na função fálica e aqueles estão não-todos nesta função. Aquele que está “todo” na função fálica denomina-se homem, e aquele que está “não-todo” na função fálica, é chamado mulher, qualquer que seja a sua anatomia.

De acordo com Alberti e Martinho (2013, p. 121):

> Do lado homem encontramos a função universal do falo, todos os homens estão na função fálica, mas para que essa proposição universal seja verdadeira, é necessária uma exceção que confirme a regra: ao menos um não é castrado. Essa exceção é sustentada pelo “Pai da horda primeva” (Freud, 1912-1913/2005c), o único a ter direito a gozar da mulher e que proibia a todos os filhos gozar do Outro sexo.

No lado feminino, de acordo com Ambra (2017), encontramos uma forma de estruturação que não caracteriza-se necessariamente por uma antítese, mas sim uma indecisão. Não existe uma mulher que esteja fora da função fálica, enquanto está não-toda sujeitas a ela. Em outras palavras, não há nenhum mito que representa uma exceção para o conjunto mulher, todas elas estão, de alguma forma, marcadas pela lógica fálica. No entanto, na segunda formulação, Lacan introduz a negação do universal, chegando à ideia de que a mulher é não-toda, nas palavras de Ambra (2017): “exatamente pela ausência de exceção, ela não forma um conjunto. Daí a ideia de que as mulheres são aceitas, mas nunca em conjunto” (p. 39).

Para Lacan (1972-1973/1985) o que coloca-se na partilha sexual é o modo de gozo, o gozo fálico que está todo atrelado ao significante, do sentido, e o gozo suplementar, que está

não-todo atrelado ao significante, do sentido. Por ser não-toda a mulher tem um gozo suplementar em relação ao gozo da função fálica. Lacan (1972-1973/1985) define o Outro gozo como aquele que vai para além do falo, pois está fora do significante. É um tipo de gozo suplementar que não é organizado pelo significante fálico. De acordo com Soler(2005 p. 109), “Um gozo foracluído da linguagem, que o inconsciente não conhece, inassimilável, como que rejeitado ao limite da série — segregação —, excessivo em relação à cifragem possível.”

Ainda segundo Soler(2005), essa partilha sexual a partir do modo de gozo se dá em decorrência do fato da anatomia não ser capaz de assegurar ao sujeito uma posição sexual. A anatomia pode decidir o registro civil, mas não comanda o desejo e a pulsão. O pênis é um símbolo de diferença, sendo que sua presença ou ausência determina se alguém é chamado de menino ou menina. Isso resulta no condicionamento social sobre o que significa "ser homem" e "ser mulher".

Lima (2018) discorre que, na psicanálise lacaniana, há um consenso em definir que o contemporâneo remete a um declínio da figura do pai como representação hegemônica da subjetividade, bem como um declínio do viril e uma consequente feminização do mundo, pois segundo o autor, o declínio do ideal viril não opera sem efeitos na posição de gozo dos seres sexuados, e esses efeitos são vistos na dita feminização do mundo. De acordo com Túlio (2015 para:23) :

> Com efeito, pode-se destacar então que o modo de gozo contemporâneo não está mais determinado a partir da perspectiva do pai e de sua função de proibição, já não mais a partir da negativização do gozo, e sim a partir da sua positivação, “o gozo, o mais de gozar, tragou o Ideal: é a satisfação que rege o estado atual da civilização e não mais o Ideal”. (Sinatra, 2013:34).

De acordo com Lima (2018), é a lógica feminina que possibilita a revelação da falha,

as mulheres revelaram o caminho para a psicanálise descobrir o que é não-todo fálico, ao encarnarem algo que se opõe à universalização e expuseram com isso algo da ordem do não-todo que foge a supremacia do masculino e do ideal viril. evidenciando que a queda desse ideal resulta na feminização do mundo, embora seja importante diferenciar a crítica ao ideal viril da posição feminina na sexuação.

Nesse sentido, elas apontam para algo que escapa ao domínio do ideal viril, evidenciando que a queda desse ideal resulta na feminização do mundo, embora seja importante diferenciar a crítica ao ideal viril da posição feminina na sexuação.

Em conformidade com Lima (2018), podemos dizer que a sociedade atual vive uma ruptura com o imaginário dos gêneros tradicionais, que por muito tempo buscou, sustentado no ideal viril, dar suporte ao todo fálico, pela via de uma aparência de complementaridade entre os sexos. Vivenciamos, hoje, variadas representações do não-todo no corpo dos seres falantes, evidenciando a decadência de um ideal viril.

Devido a essa desconstrução dos semblantes tradicionais podemos supor que há como possível consequência a inscrição do não-todo no próprio corpo numa tentativa de contornar a angústia de um gozo Outro. Para Lima (2018 p. 39):

> Talvez seja por isso que atualmente vemos o uso de diversos marcadores de gênero fora de seu lugar normativo como um dos desdobramentos da falência do viril. Forma de apontar a insuficiência dos semblantes e dos lugares que o social tenta determinar, lugares como aqueles dos gêneros tradicionais, que não dizem o bastante acerca da confusão que impera no ser sexuado em termos do seu gozo.

De acordo com Lima (2021, p. 110), vemos que o ideal viril está em crise, o lugar do homem como sempre foi concebido, está passando por transformações e tendo que se reformular, nas palavras do autor “Dizer que esse lugar não existe significa que cabe a cada

ser falante inventar a própria existência como homem".

Segundo Lima (2018, p. 34) foi a partir da instituição lógica de duas posições no discurso, a de "ser" e a de "ter", nas palavras do autor: "para as mulheres, o de ser A mulher que todo homem desejaria e, para os homens, o de ter A mulher que todo homem desejaria", que os gêneros tradicionais, o binarismo homem-mulher, puderam estruturar-se e atracar no ideal viril, que é falocêntrico. Segundo o autor "essa tentativa de organizar o gozo a partir do ser e do ter se mostrou sempre já como falha, na medida em que há homens que procuram ser o falo e há mulheres que buscam tê-lo, contrariando aquilo que era uma espécie de ideal socialmente partilhado" (Lima, 2018, p. 34)

Lima (2018) discorre que o ideal viril que organizava os gêneros tradicionais tentava esgotar o gozo na lógica do todo fálico: ser ou ter e que ao decorrem da mordenidade, o imaginário dos semblantes de gênero, o binarismo heterossexual, tentou afastar a desordem estrutural no real, correlata de um gozo que não se submete totalmente à norma fálica. Em conformidade com isso Lima (2021) fala que "a dialética em torno do "ter" ou "ser" o falo, amplamente explorada na Psicanálise, ganha, para alguns sujeitos, novos desdobramentos, ao falarmos das formas de reconhecimento da masculinidade.".

A queda desse ideal viril tem ocasionado consequências na organização dos gêneros, evidenciadas pela relativa decadência dos padrões de gênero tradicionais na atualidade. Esse processo tem levado a ruína de um imaginário da sexuação que buscava atribuir sentido ao gozo a partir de uma noção universal do falo

Segundo Lima (2021), representações antigas da masculinidade e novos signos que buscam compreender o masculino, e sua experiência, convivem atualmente acarretando crises e rupturas de significantes que outrora balizaram o processo de significação dos sujeitos. Para o autor, a economia libidinal estabeleceu outros tipos de investimento e novos objetos, lugares e posições.

De acordo com Uchôa (2018), estamos passando nos tempos de hoje por novas configurações familiares nas quais a figura masculina do Pai está em declínio, o que, segundo Bonfim (2020), não ocorre sem consequências para a constituição da masculinidade. Segundo a autora "Podemos dizer que, ao passo que a exceção encarnada pela autoridade do pai já não se sustenta, a lógica do todo-fálico também tende a entrar em colapso." (p. 14).

A queda do todo-fálico acarreta um mal estar nos homens de hoje, tanto para aqueles que não querem o colapso dessa lógica, como para aqueles que não situam-se mais no todo-fálico e tentam, de qualquer forma encaixar-se em algo que os represente. Para aqueles que não querem a decadência do todo, a violência se tornou uma via de retorno à norma fálica, uma tentativa de retorno à supremacia do patriarcado que como vimos na com a história da masculinidade, é marcada pelo discurso de ódio e violência para se reafirmar.

Os movimentos masculinistas, de acordo com Lima (2021), se organizam em torno da política de violência e rechaço ao que foge à lei da norma fálica, numa tentativa de fazer um retorno a essa lógica do todo. São movimentos que, geralmente, partem do pressuposto de buscar de volta o "lugar do homem" que lhes foi tirado a partir das conquistas das mulheres na sociedade.

Um exemplo de movimentos masculinistas, é o denominado *Red Pill*, que faz alusão ao filme Matrix (1999), no qual o protagonista tem que escolher entre uma pílula azul, que o manteria no mundo das ilusões, e uma vermelha, que ele passaria a enxergar a realidade. Para os adeptos desse movimento, as mulheres manipulam e controlam os homens, e somente após "tomar" a *Red Pill*, ou seja, sair da "ilusão" e seguir os ensinamentos dos intitulados "coachs de masculinidade", é que os homens poderão enxergar a realidade e passar a tratar as mulheres como eles acham que devem ser tratadas.

Lima (2021) evidencia que embora exista, de um lado, homens que buscam movimentos masculinistas na tentativa de retornar a lógica fálica, de outro, há homens que

vivem na angústia de tornar-se homem a partir de determinados padrões sociais. Homens que sofrem por tentarem se encaixar em moldes de masculinidade ao passo em que não se sentem representados nesses modelos.

Vimos em nossas leituras que a sociedade até pouco era falocêntrica, regida pela lógica do todo, que ditava as regras de como ser e pensar, porém os tempos de hoje são tempos de (re)organização dos modelos de identificação, ocasionado pelo queda da figura masculina do pai e do ideal de virilidade, os homens de hoje se vêem perdido nas possibilidades de ser homem. Alguns, não libertos da lógica fálica, do todo, buscam saídas na tentativa de recuperá-la, seja na constituição de grupos com os mesmo ideais ou na propagação da violência e ódio aqueles que escapam.

5 Considerações Finais

Trilhamos até aqui um caminho que iniciou-se buscando analisar a construção sócio hisótica das masculinidades, e vimos como a masculinidade se atrelou à virilidade por muito tempo, ao passo em que para ser considerado homem era necessário abarcar atributos dignos de ser viril. Observamos também, que esse vínculo de virilidade e masculinidade foi se desfazendo com o passar do tempo, os homens passaram a preocupar-se não somente com o físico viril mas também com outras coisas como a finesse e a educação. Ser um homem culto passou a ser sinal de ser homem. Porém, aspectos como força física e repressão de sentimentos ainda são considerados idéias viris.

Conforme a sociedade avançou vimos um declínio desses ideais de masculinidades ocasionado primeiro pelo processo de industrialização, que mostrou que a força física não mais representava um ideal viril, pois as mulheres passaram a desempenhar as mesmas funções que eles. Em segundo as grandes guerras, que mostraram a fragilidade física e emocional de todos os seres, independente de ser homem ou mulher. Por último, e principalmente, pela ascensão social das mulheres e da comunidade LGBTQIAP+, que

desbussolaram o homem de vez, evidenciaram o desmoronamento da supremacia masculina, do patriarcado.

Em conformidade com Lima (2018), o contemporâneo tem mostrado que a sexuação, por ter caráter moebiano, faz com que todos os seres falantes sejam mantidos em uma tensão estrutural em relação ao não-todo. Para o autor há múltiplas encarnações do não-todo no corpo de todos os seres falantes, e que isso evidencia a decadência de um ideal viril, decadência essa que ocorre com violência e segregação dos sujeitos não libertos da lógica fálica.

> O não-todo parece implodir a sua nomeação de "feminino", que já era uma tentativa de nomear algo do real indizível (Fuentes, 2012, p. 40); hoje, essa nomeação se mostra relativamente restrita, já que o não-todo tem se prestado a desestabilizar até mesmo as categorias de masculino e feminino, como aprendemos com Liniker, a qual busca inscrever no corpo o impasse mesmo da diferença sexual. Essas manifestações têm atestado que as positividades normativas não esgotam a sexualidade, e isso é mostrado por esses sujeitos em seu tratamento do gozo na própria carne de forma deslocalizada, pelo jogo com os semblantes e pela desconstrução dos gêneros tradicionais como consequência do declínio do viril, cujo resultado é a feminização do mundo e, em casos como o de Liniker, a feminização do próprio sujeito. (Lima, 2018 p. 40-41)

Concluímos que esse declínio e esse desbussolar não são sem consequências para o homem, que sente o mal estar na tentativa de se localizar novamente. Mal estar esse que é sentido, tanto por aqueles sujeitos que não mais se vêm na lógica fálica e nos ideais que por muito tempo foram universais a todos os homens, como por aqueles que a qualquer custo tentam retornar a esse modelo de sociedade falocêntrica. A "crise do macho" é devastadora para alguns, que não suportam perder a posição de supremacia e mais ainda gozar de um gozo feminino.

O problema é que essa tentativa de retorno ao falocentrismo causa consequências devastadoras, principalmente quando se busca isso pela violência. Os homens são os principais causadores de brigas no trânsito, de acidentes de trânsito e violência doméstica, tentando fazer imperar a força física que a muito tempo deixou de ser sinônimo de ser "macho".

De acordo com o boletim epidemiológico volume 52, de setembro de 2021, do ministério da Saúde, de 2010 a 2019 os homens lideraram o número de suicídios no Brasil, e em 2019 o risco de suicido para os homens era 3,8 vezes maior do que o das mulheres, em parte pode se dá pelo mal estar de não conseguirem mais se localizar no mundo de hoje, não mais uma figura hegemônica que diga o que é ser homem, e como ser homem. São homens que precisam se (re)inventar a partir de sua subjetividade.

O que cabe a cada um de nós, seja enquanto estudantes, psicólogos, psicanalistas, é acolher a solução que cada sujeito vai encontrar para lidar com o gozo não-todo, não tentando mais enquadrar os sujeitos em moldes, assim como sempre foi feito, mas enxergando para além, porque antes de ser homem ou de ser mulher, é um ser humano, uma subjetividade, e cabe a esse ser, ser o que ele quiser, enquadra-se ou não em estruturas pré-estabelecidas pela sociedade.

Refletir acerca dessa temática foi muito necessário pois pensar de que forma se dá o mal estar na sociedade de hoje é de suma importância para compreendermos as novas formas de adoecimento dos sujeitos. Esse trabalho foi de fundamental importância pois pode ser útil para suscitar debates sobre o tema, e poderá futuramente orientar-me em futuras escritas, seja na produção de artigos, seja em uma dissertação de mestrado.

Referências Bibliográficas

Alberti S. & Martinho (2013). *Sexuação, desejo e gozo: entre neurose e perversão.* Retrieved from https://doi.org/10.1590/S0103-65642013000100007

Albuquerque Júnior, D. (2013). *Nordestino: A invenção do "falo": Uma história do gênero masculino (1920-1940)* (2º ed). Intermeios.

Ambra, P. E. S. (2017). *Das fórmulas ao nome: bases para uma teoria da sexuação em Lacan* (Tese de doutorado, Institudo de Psicologia da Universidade de São Paulo e Ecole doctorale Recherches en Psychanalyse et Psychopathologie da Univesrité Paris Diderot). Retrieved from https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-12012018-174515/publico/ambra_do.pdf

Baubérot, A. (2013). *Não se nasce viril, torna-se viril. In Corbin, A., Courtine, JJ., Vigarello, G. (Orgs.), História da virilidade 3: A virilidade em crise? Séculos XX - XXI* (p. 189-220). Editoras Vozes.

Bertaud, J.P. (2013) *O exército e o brevê de virilidade. In Corbin, A., Courtine, JJ., Vigarello, G. (Orgs.), História da virilidade 2: O triunfo da virilidade. O século XIX (p. 74 - 94).* Editoras Vozes.

Boccato, V. R. C. (2006). *Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. 10.* Retrieved from *https://arquivos.cruzeirodosuleducacional.edu.br/principal/old/revista_odontologia/pdf/setembro_dezembro_2006/metodologia_pesquisa_bibliografica.pdf*

Bola, J. (2020). *Seja homem: A masculinidade desmascarada.* Porto Alegre, RS. Dublinense.

Bonfim, F. (2022). *Tornar-se homem: Ressonâncias do declínio do ideal viril na sexuação*.

São Paulo, SP. Dialética.

Bonfim, F. G. (2021). *Declínio viril e o ódio ao feminino: entre história, política e psicanálise // Virile decline and hatred of women: between history, politics and psychoanalysis*. Revista Periódicus, 1(13), 09–24. https://doi.org/10.9771/peri.v1i13.35256

Corbin, A. (2013). *A virilidade reconsiderada sob o prisma do naturalismo. In Corbin, A., Courtine, JJ., Vigarello, G. (Orgs.), História da virilidade 2: O triunfo da virilidade. O século XIX* (p. 13-34). Editoras Vozes.

Dumézil, F. (2013). *O universo bárbaro: mestiçagem e transformação da virilidade. In Corbin, A., Courtine, JJ., Vigarello, G. (Orgs.), História da virilidade 1: A invenção da virilidade: da antiguidade às luzes.* (p. 125-151). Editoras Vozes.

Farge, A. (2013). *Virilidades populares. In Corbin, A., Courtine, JJ., Vigarello, G. (Orgs.), História da virilidade 1:A invenção da virilidade: da antiguidade às luzes.* (p. 465-523). Editoras Vozes.

Freud, S. (1905/2016). *Obras completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("o caso dora") e outros textos (1901-1905) / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza.* São Paulo, SP. Companhia das letras

FREUD (1923/2019). *Obras completas, volume 16: O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925) / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. São Paulo,* SP. Companhia das letras

Freud, S. (1924/2019). *Obras completas, volume 16: O eu e o id, "autobiografia" e outros*

textos (1923-1925) / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das letras

Forbes, J. (2004). *A Psicanálise do Homem Desbussolado—As reações ao futuro e o seu tratamento.* Retrived from http://jorgeforbes.com.br/psicanalise-do-homem-desbussolado-2/

Jablonka, I. (2013). *A infância ou a "viagem rumo à virilidade". In Corbin, A., Courtine, JJ., Vigarello, G. (Orgs.), História da virilidade 2: O triunfo da virilidade. O século XIX* (p. 37-73). Editoras Vozes.

Lacan, J. (1972-1973/1985). *Mais, ainda.* Rio de Janeiro, RJ. Zahar

Lima, V. M. (2018). *Ideal viril e feminização do mundo: uma sexuação moebiana na era do não-todo, 32-46.* Retrieved from https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-988191

Lima, E. D. D. (2021). *Um mais-de-dizer sobre os homens e o masculino: do binarismo fálico ao outro gozo* (Tese de doutorado , Universidade Católica de Pernambuco). Retrieved from http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/1562

Maracajá, M. A. (2018). *Homoparentalidade: a criança entre o direito e o desejo*. (Tese de doutorado , Universidade Católica de Pernambuco). Retrieved from http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/1043

Marcos, C. M. (2014). O não-todo de Lacan e a lógica do caso clínico, 4-15. Retrieved from https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-775231

Melgaço da Silva Jr., P. & Caetano, M. (2013). *Roda de homens negros: masculinidades, mulheres e religião. In: Lamparina, de guri a cabra macho: as masculinidades no*

Brasil. (p. 190-211)

Melo, V. (2013). *Novas performances públicas masculinas: o esporte, a ginástica, a educação física (século XIX). In Del Priore, M. Editora, Histórias dos homens no Brasil* (P. 119-152). Editora Unesp.

Menin, A. F. (2017). As invenções e reinvenções da virilidade. Revista Ártemis, 23(1). https://doi.org/10.22478/ufpb.1807-8214.2017v23n1.35801

Poli, M. C. (2007). *Feminino/Masculino.* Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor LTDA.

Sant'anna, D. (2013). *Masculinidades e Virilidade entre Belle Époque e a República. In Del Priore, M. Editora, Histórias dos homens no Brail* (p. 245-266). Editora Unesp.

Sartre, M. (2013). *Virilidades Gregas. In Corbin, A., Courtine, JJ., Vigarello, G. (Orgs.), História da virilidade 1:A invenção da virilidade: da antiguidade às luzes*. (p. 17-70). Editoras Vozes.

Schnoor, E. (2013). "*Riscando o chão": masculinidades e mundo rural entre a colônia e o império. In Del Priore, M. Editora, Histórias dos homens no Brasil* (p. 85-117). Editora Unesp.

Soler, C. (2005). *O que Lacan dizia das mulheres.* Rio de Janeiro, RJ. Jorge Zahar Editor.

Taraud, C. (2013) *A virilidade em situação colonial: do final do século XVIII à Grande Guerra. In Corbin, A., Courtine, JJ., Vigarello, G. (Orgs.), História da virilidade 2: O triunfo da virilidade. O século XIX* (p. 414-436). Editoras Vozes.

Thuillier, J. P. (2013) *Virilidades romanas: vir, virilitas, virtus. In Corbin, A., Courtine, JJ., Vigarello, G. (Orgs.), História da virilidade 1:A invenção da virilidade: da*

antiguidade às luzes. (p. 71-123). Editoras Vozes.

Tulio,C. M. (2015). *A Feminização do mundo*. Retrieved from https://ceppvaledoaco.wordpress.com/2015/10/09/a-feminizacao-do-mundo/

Vigarello, G. (2013). *A virilidade moderna: Convicções e questionamento. In Corbin, A., Courtine, JJ., Vigarello, G. (Orgs.), História da virilidade 1:A invenção da virilidade: da antiguidade às luzes.* (p. 205 - 216). Editoras Vozes.

Uchoa, L. (2018). *O declínio da função paterna, as famílias de hoje e a psicanálise.* Rio Grande do Norte, RN.